



Nossa Senhora do Deserto.—Quadro de Domingos Antonio Sequeira

(Copia de uma gravura de Gregorio Queiroz).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
33, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregueado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

O referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

V A G O

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 reis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

V A G O



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 22 de Dezembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

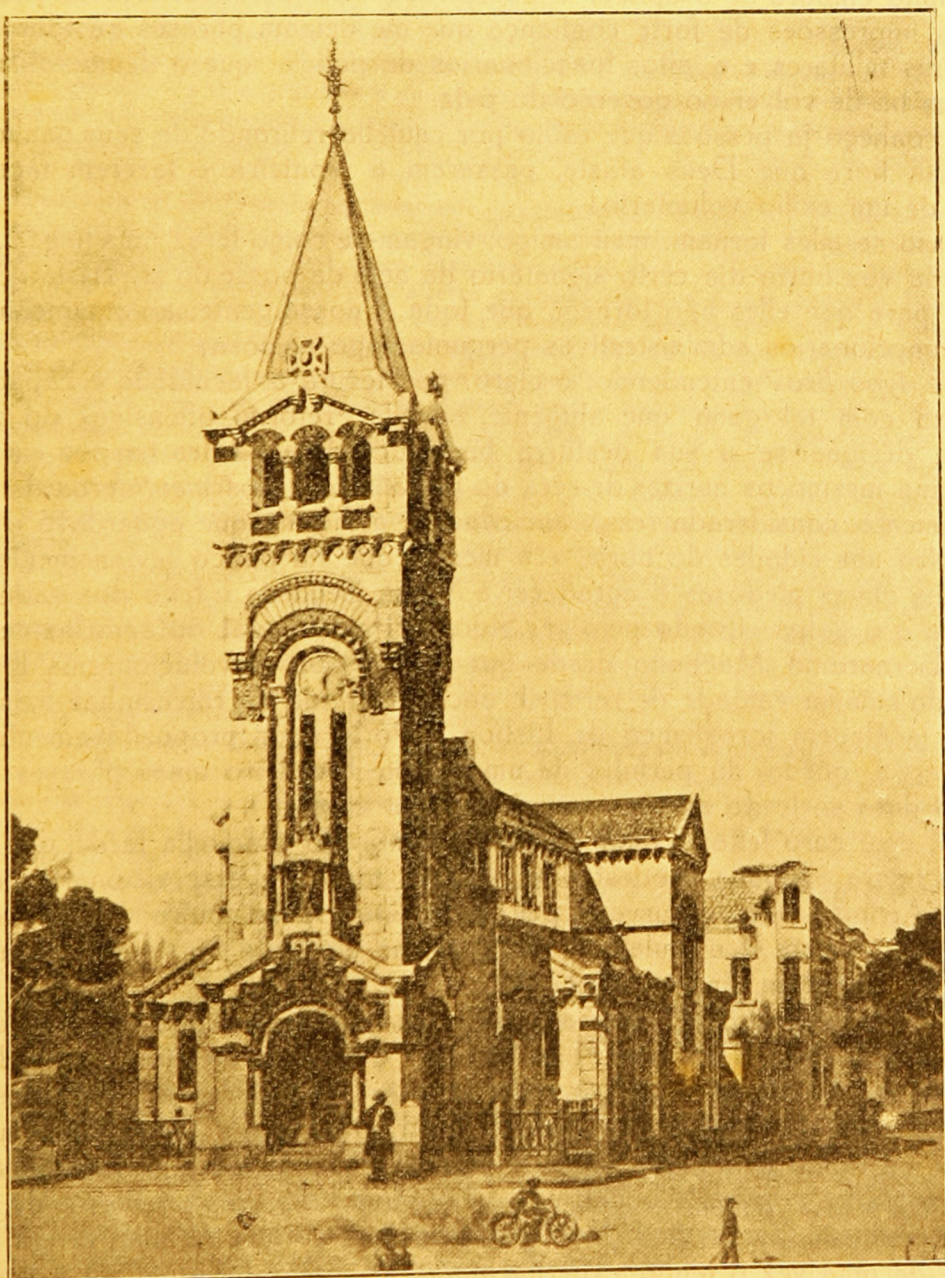
Numero 234—Anno V

A Povoia artistica

HA alguns annos que, por exigencias do a-ormos eamento do Passeio Alegre, foi demolida a egreja de S. José, situada n'esse local.

Pensou-se desde logo na construcção d'uma nova egreja sob a égide do mesmo santo.

Uma commissão de senhoras das mais illustres da Povoia de Varzim, á frente da qual está a senhora D. Mariana de Amorim



Alves, esposa do grande povoense Dr. David José Alves tomou a si esse piedoso encargo para o que já tem recebido valiosos donativos.

O terreno já adquirido para a nova egreja, que é magestosa, está situado na Avenida Mousinho d'Albuquerque.

O projecto d'esta obra foi executado pelo architecto d'esta cidade sr. João de Moura Coutinho.

CHRONICA DA SEMANA

Novas páginas de caderno.



OMO a um bem por cuja conservação se arreceia, eis o paiz, livre da tyrannia, a inquirir se ella voltará ainda, recordando que sete demorados annos assistiu ao seu constante triumpho de audácia sem escrúpulos, espantado tambem de que ha em sua terra espadas que se desembainham mas não para se entregarem a um ministro, n'uma caricatura de grêve geral mais que estupenda em militares que a dependuram á cinta para defender a Patria dos estrangeiros, de dentro e fóra de portas.

Ha dias, com um sorriso indefenido que fazia desconfiar, um tenente democratico que o sr. Feliciano da Costa já atirou para as terras baixas da Povia de Varzim (o sr. João Arroyo dizia *profundezas*...) punha este commentario por baixo do quadro da revolução victoriosa.

—Isto é immensamente curioso: em Portugal são sempre os governos que triumpham nas eleições e são sempre as oposições que sahem victoriosas nos actos de revolta.

D'aqui concluía o referido official que ia deixar-se de politica e entregar-se á sua vida de quartel e de pharmácia, porque conjuga as duas funções...

O commentario é uma veridica constatação da experiencia, não deixo de o reconhecer, muito embora se o aplicar á conspiração democratica, seja forçado a admittir, contra as impressões de forte confiança que me deixam phrases ouvidas aos membros dos *comités* militares e a altos funcionarios da policia, que o democratismo derrotado ha 15 dias ha-de volver ao governo do paiz.

Eu conheço já pessoas que estão por cautella retirando de seus ganhos um pecúlio para n'essa hora que Deus afaste, passarem a fronteira e fazerem face ás despesas primeiras de um exilio voluntario!

—Isso se elles tornam, meu amigo, vingam-se como fêras, imagine!... murmuráva em aterrada voz outro dia certo signatário da acta da posse do sr. Tristão de Figueirêdo.

E é para que elles não tornem, que toda a nossã gente, ao annunciar-se a nomeação dos funcionarios administrativos pergunta logo anciosa;

—*E' typo lizo?* entendendo, é claro, por tezura a faculdade e capacidade de *dar para baixo* com tal gana que afugente aquelle «retorno offensivo» do democratismo, como sóe designar-se a sua desforra bem succedida n'estes tempos em que a guerra tudo domina mesmo os narizes-de-cêra do jornalismo e dos *mentideros* da politica. Psychologicamente considerada, essa anciedade é a mesma que aguardava o aparecimento de Couceiro nas cidades do norte, e a mesma que ha pouco levanamente levava algumas frageis almas piedosas a agradecer a Nossa Senhora o feito dos cadêtes da Escola de Guerra e o golpe vibrado pelo sr. Sidónio Paes. Igual ou semelhante a ella, só sei a do sr. Bernardino Machado desde que os officiaes revolucionarios lhe intimaram a rendição da summa vaidade de rei-civil, ancia refervida de raivasinhas más de vingativo, que uma lacaiagem jornalística de Lisbôa e Porto andã propositivamente alimentando, ao dedicar á quêda da perfidia de um velhôte brasileiro umas phrases lamentosas de pena pela dura sorte do *martyr* cumprimentador e sovina.

Ah! meu caro leitor, como me tenho lembrado d'aquella tarde, que aqui descrevi, em que a figura apagada, modesta, mas impressionante d'esse visionario honesto que foi Manuel d'Arriaga, passou curvado pelo braço da esposa, outra vélhinha, deante de mim no atrio do Casino Peninsular da Figueira, ha um anno apenas!... Sem saber porquê todos os que o viram, tiráram o chapéu.

Hoje, se Bernardino Machado por mim passasse, declaro com a mão sobre a consciencia que me safava para não apanhar o disparo inevitavel: aquelle *ó meu caro amigo!* que, sendo estribilho vulgar entre pessoas verdadeiramente chigadas pela amizade, se transformou pelo abuso que d'elle hypocritamente fez Bernardino, n'um motivo de risota e n'um doido a pôr-nos logo de reserva—não viesse uma facadinha pelas costas.

O soldado, o *magála* boçal, não pôde ouvir hoje dois nomes; o de Affonso Costa e o do presidente Bernardino. Falla-se-lhe n'elles, e ouve-se uma prâga ou um insulto. Por mais de uma vez o tenho experimentado, e comprehendí afinal a razão do anáthe-

ma. E' que na memoria fruste do soldado aviva-se ante os nomes d'esses dois homens, o sacrificio de sangue que elles lhe impuzeram, e não se fazem sacrificios de sangue sem vontade, e sem enthusiasmo sobretudo!...

Eu queria que todos os diplomatas actualmente acreditados em Lisboa repetissem as minhas experiencias junto da tropa, antes de andarem e sirandarem do ministerio da guerra para as legações e vice-versa: antes de nos darem, a todos nós, o signal verosimil ou não de que ha o proposito de cobrir com as bandeiras das potencias a cujo destino trazemos acorrentado o nosso, uma traficancia ignobil e uma tyrannia que só resurgiria para acabar de vez com Portugal.

Digo ainda como Arriaga apoz o 14 de maio:—Ah! se eu pudesse dizêr, sem falar mal ao meu paiz, tudo o que sei ha 15 dias!...

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Consoada da Morte.

UMA vingança empurrara-o para o exilio e n'esses longos e amargurados quatro anos João Silveira souo e resouo para comer e mandar escassas vidualhas á mulher, que vivia privações e saudades, no seu casal da Beira. Era a sua obsessão, o seu tormento essa familia que deixava certa noite de chuva e paledeava agora o ultimo beijo que dera ao filho appressado, inquieto no ultimo instante quando a gentalha da villa já saltara o quinchoso e martellava na porta da cosinha. Depois nunca mais os vira, nunca mais. A's noites quando voltava do trabalho, longe de seguir os camaradas, recolhia cedo e a sós com as suas lembranças ficava longas horas em vigalias commovidas de saudades, de sereno e intimo relembrar.

Dormia mal e alimentava-se peor e assim foi lentamente emagrecendo, mirrando, ai! que se a Graça, a sua Graça o visse, não reconhecera já n'aquelle corpo enovellado e sacudido de fosse, o repagão ardido e forte, que escolhera para marido pela festa das Sete Cruzes. Mas não cuidava de si... Trabalhava, trabalhava a ver se poderia mandá-la vir, a ella e ao garoto, que para a terra tambem, não podia nem queria voltar emquanto semelhante canalha por lá medrasse... e mais se fincava na canceira. A doença progredia e com ella n'um intimo presentimento, uma saudade mais funda, mais dura de supportar. Avisinhava-se o natal; já tres consoadas passara João Silveira na solidão do seu quarto, ouvindo na cosinha da pousada alegrias e cantares, emquanto a sua alma voava até essa Beira longinqua, até ao seu lar distante, onde o choravam e recordavam tambem.

Peorou muito, mas como não queria deixar o trabalho aguentava, aguentava e se algum camarada lhe dizia que se tratasse logo lhe respondia com lagrimas nos olhos e na voz: Anda por pouco... Mes hei-de vê-los. Uma noite sentiu-se peor e na manhãzinha, depois de contar os dias, de combinar trajectos, de pensar, n'uma subita decisão disse para si: «Vou hoje» e sahiu logo a correr a villoria n'uma alegria de namorado, a comprar aqui uma guloseima, além um enfeite, uma lembrança para os seus. Pela tarde partiu no comboio até á fronteira e na noite seguinte internou-se em Portugal. Dezembro corria regelado e soalheiro, mas as noites estavam frigidissimas e só de noite o desgraçado podia andar... Dormia de dia nos palheiros dos pastores e mal escurecia voltava a caminhada. Quanto mais se aproximava da sua terra, mais precauções tinha de tomar e já não rondava os palheiros, nem as choças dos pastores. A monte como um bandido não se atrevia a descer ás povoações, a abeirar-se das vendas e por isso dois dias havia que não tivera de comer. Arrastava-se a custo e parava suffocado, muitas vezes n'um desanimo, julgando morrer.

Na vespera da festa metteu-se ao caminho e sem treguas, animado por essa ansia inexplicavel de chegar, andou todo o dia, todo que só ao escurecer chegou ao monte das Sete Cruzes e poude vêr o valle da sua aldeia. Nevava. Uma nortada rija assobiava no valle, mas ao luar viam-se já as casas do logarejo penachando fumo, as friestas e janellos escoando clarões. Pareceu-lhe que remoçava que vivia!... Uma hora mais e teria-os nos braços. Depois, acontecasse o que acontecasse ficaria alli.

Sentou-se. Olhou o valle, procurou os logares conhecidos, procurou o seu casal e lá viu o mesmo fumo, o mesmo clarão de fogueira. A igreja, banhada pelo luar, parecia de prata e a Virgem na sua misula toda banhada de luz estendia os seus braços n'uma benção mansa sobre a paz bemdita dos casaes. Ladravam cães longinquos e subiam dos caminhos echos de canções dos que de longe chegavam tambem. Uma alegria intima invadia-lhe a alma e fazia-se energico para affrontar o resto do caminho. Mas custava-lhe a erguer-se, a fosse ha dois dias mais amudada provocara já uma hemoptise mas João entregue á sua felicidade já não attendia aos duros rebates da doença.

N'um estremeção nervoso ergueu-se e dispoz-se a partir... Andados os primeiros passos, a fosse voltou, o sangue voltou e teve que parar. Faltava tão pouco, e tropeçando, arrastando-se, movido por essa força occulta, intima, que lhe emprestava uma fingida energia, chegou o valle, ao extremo da aldeia, ao cancello velho do seu quinchoso, e cahiu, mas sem desanimar arrastou-se até á porta da cosinha, ergueu-se ainda para lhes apparecer que já lhes ouvia as vozes mas quando ergueu o braço para bater na portada, cahiu para sempre sobre o tojo...

E alli ficou estendido, inerte, sobre a neve, uma grande poça de sangue vermelhando como um clarão os olhos vitreos escancarados olhando n'uma supplica derradeira, a Virgem, que da sua misula de pedra toda banhada de luz estendia os braços n'uma benção mansa sobre a paz bemdita dos casaes em festa.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XVIII

Uma pinha colossal

Um dos pateos do Vaticano, o *Cortile del Belvedere*, é vulgarmente chamado *Pateo da pinha*—*Cortile della Figna*. Vem-lhe o nome de uma pinha colossal que lá está e que o leitor pode admirar na gravura que acompanha este serão.

Eis algumas noticias sobre aquella pinha monumental, extraídas, com a gravura, da *Vera Roma*, semanario romano (9-2-913):

Havia na idade media, deante da fachada principal da Basilica Vaticana um grande largo, chamado com voz grêga *parâdisos* (jardim), fechado por quatro porticos assentados sobre quarenta columnas de marmore.

No meio dêste atrio mandara o papa S. Damaso construir, em 366, uma bacia, ou pia, onde lavavam as mãos aquelles que entravam a orar e commungar. Sobre essa fonte havia uma pinha colossal de bronze, que era crença houvesse ornado em tempos o Mausoleu de Adriano, agora Castello Sant'Angelo,

Diz-se que a pinha fôra transportada para ali pelo Papa S. Symmaco (498-514). Encontra-se agora, com dois pavões tambem de metal, no referido pateo do Vaticano.

Dante, (*Inferno*, XXXI). toma para termo de comparação a pinha do Vaticano ao descrever o rosto dos gigantes do circulo nono do Inferno:

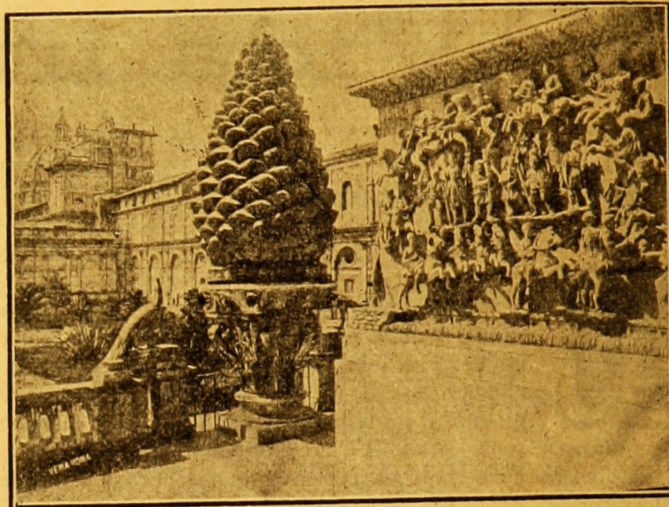
*Là faccia sua mi pareo lunga e grossa
Come la pigna di San Pietro a Roma.*

A hypothese de que esta colossal pinha haja adornado o vertice do Mausoleo Adriano é controversa, porque toda a superficie da pinha apresenta pequenos orificios que não poderam ser produzidos pela oxidação com tanta symmetria. Porisso não é improvavel que esta pinha de bronze pertencesse a uma fonte das vizinhas Thermas de Adriano, e que a agua espirrasse d'aquelles furinhos.

Como em Roma, cerca do Pantheon, ha um bairro chamado *Pigna*—pinha, outros archeologos aventam a opinião de que a colossal pinha de bronze foi encontrada nos arredores do Pantheon, e nesse caso, pode ser que proviesse de alguma fonte das Thermas de Ágrippa, que eram por traz do Pantheon. Em todo caso é mais verosimil que no vertice do Mausoleo de Adriano houvesse a estatua dêste imperador, ou isolada, ou sobre uma quadriga (mais admissivel esta segunda hypothese) do que uma pinha, e, para mais, furada symmetricamente para servir como jacto de fonte.

Observe-se, alem disso, que a pinha do Vaticano mede quatro metros de altura e teria feito mesquinha fi-

gura no alto do Mausoleo; tanto assim que Carina, na sua grande figura prospectiva da Mole Adriana collocou-lhe no vertice uma pinha, mas proporcionada ao edificio—isto é: de oito metros de altura.



O Pateo da Pinha [Vaticano]

Frey Gil, não pretenda resolver o problema. Agrade-lhe, porém, a hypothese de ter sido a formidanda pinha fundida para emblema sepulcral. Porquê?

Sorvida preambular pitada, abre-se o curioso tratado *Das plantas, e flores referidas na Sagrada Escritura*, de frey Isidoro Barreira, da Ordem, de Christo (Lisboa, Pedro Craesbeek, 1622) e ahi (1.^a parte, pag. 263) se vê que o *Pinheiro* foi entre os antigos symbolo da morte. «Nas partes de Etruria diz Pierio que em todas as campas, e pedras de sepulturas estam abertos pinheiros, o que attribue á significação de morte, que esta arvore tem...» E a razão dêste significado é: «Porque o pinheiro cortado hũa vez não crece, nem reverdece mais: pára, deixa de ter vida, o que nam sucede ás outras arvores, que cortadas não secam, mas tornam a lançar ramos, troncos, e crescem em igual altura que dantes... o que nunca se viu, nem ouviu dizer do pinheiro. Pelo que, assim como o pinheiro cortado não reverdece, o homem uma vez morto e apartado dos viventes não torna a viver, ali fenece e acaba. ali perecem todas as suas imaginações.»

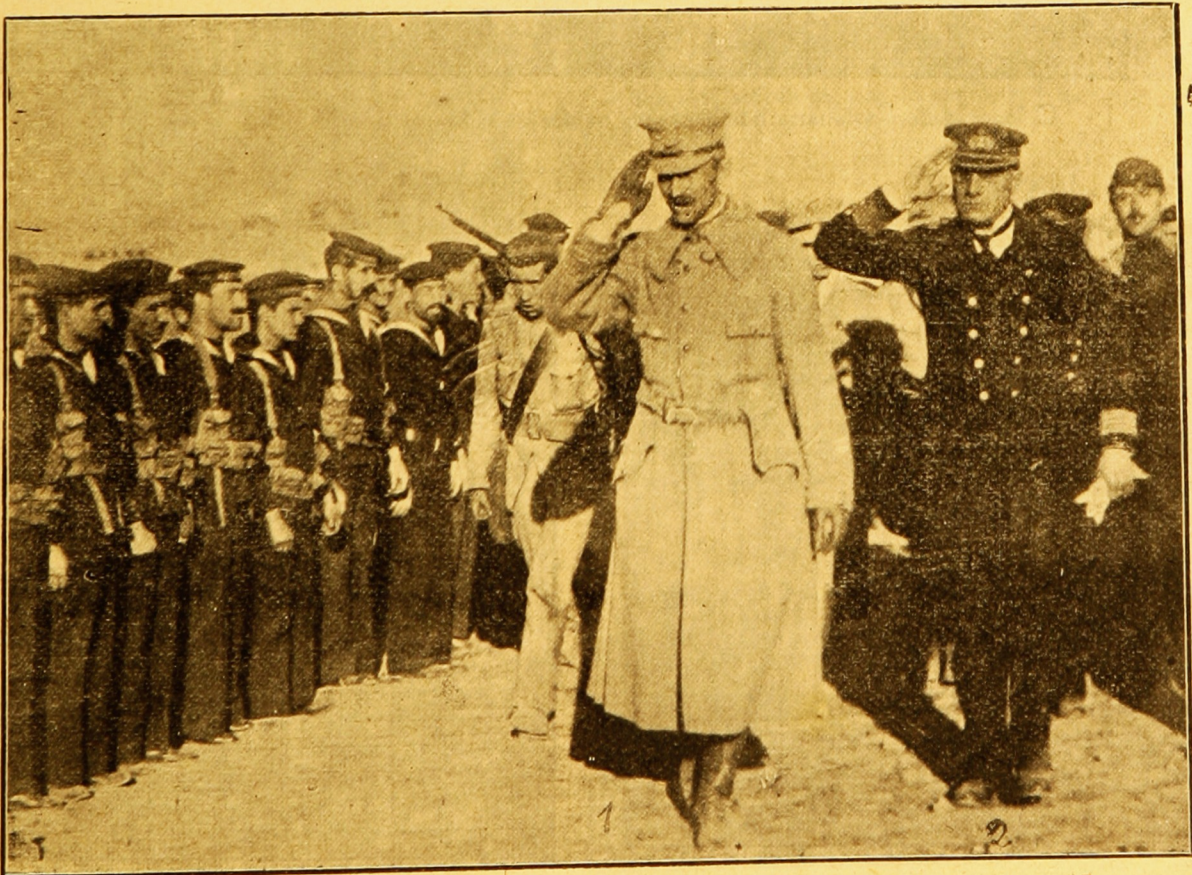
Temos, pois, pela noticia que dá o meu collega frey Isidoro, que não ficaria mal uma pinha num mausoleu como o do imperador Adriano.

Eu, porém, que estou de marê para *provar* tudo o que fôr preciso, á maneira do auctor do *Napoleão nunca existiu*, prometto *provar* aos meus leitores, com erudições do arco da velha, que tanto a pinha como os pavões não desconvinham presisamente no tumulo do imperador Adriano.

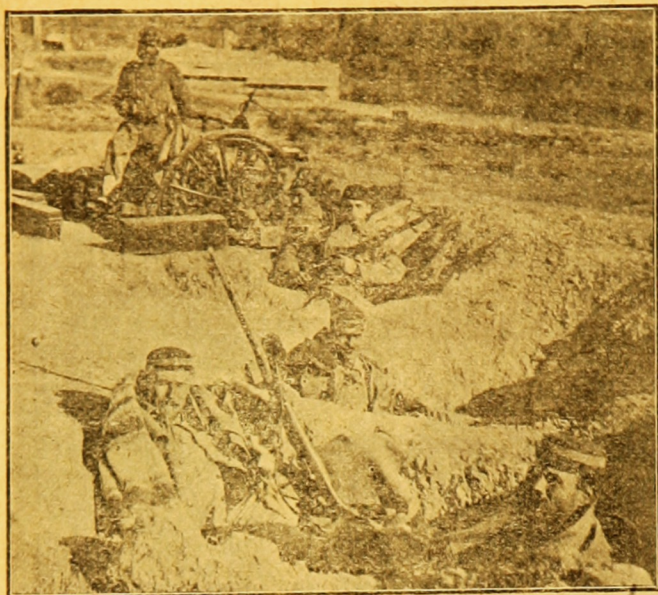
O que farei, querendo Deus, no proximo serão.



No Parque Eduardo VII—O Major Sidonio Paes assignando a primeira proclamação



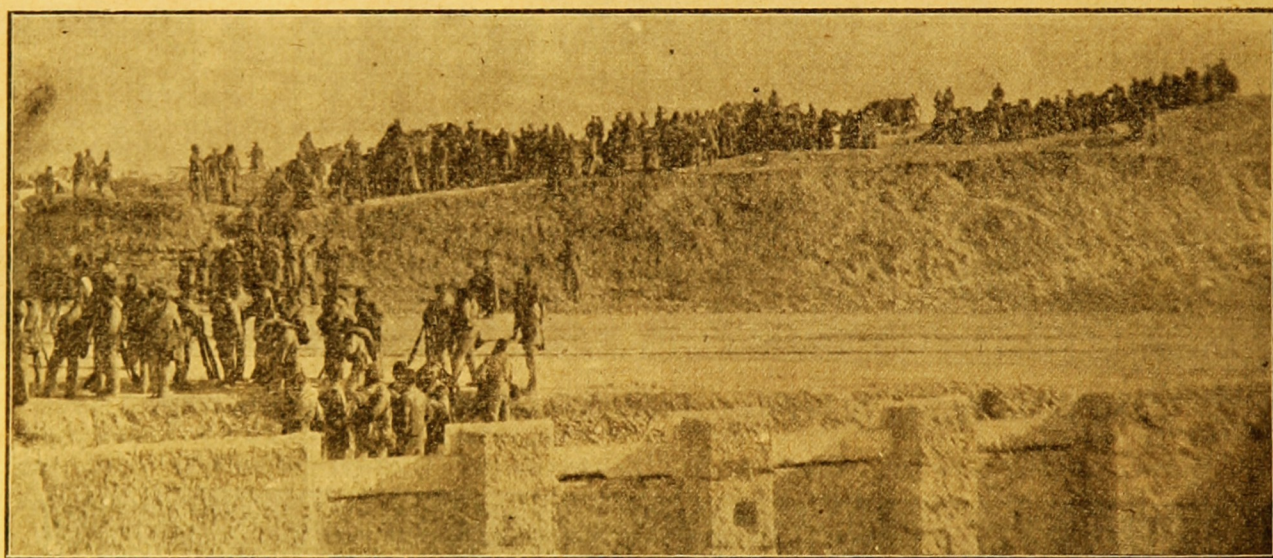
1—Sidonio Paes 2—Machado dos Santos, passando revista á marinha que os foi saudar ao acampamento



Na manhã do dia 6—Os revoltosos nas trincheiras



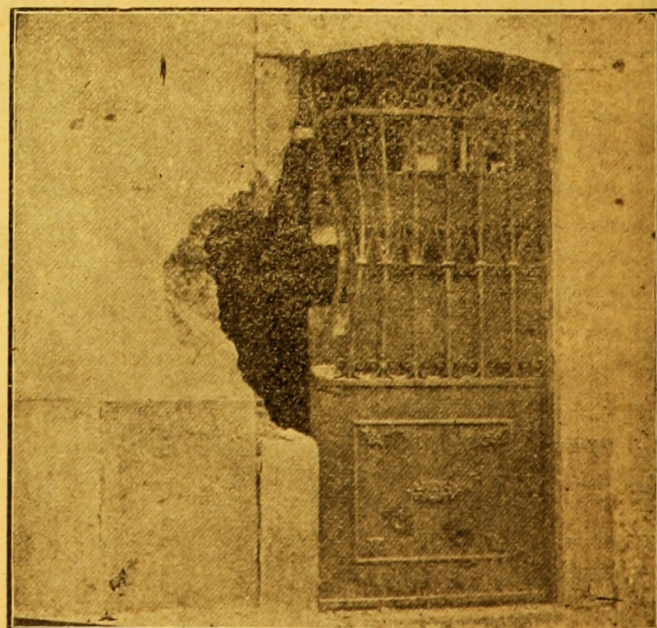
O acampamento e bivaque dos revoltosos



O lugar onde a artilharia bombardeava os navios e tropas fieis ao antigo governo



O povo apreciando os estragos na rua de S. Philype Nery, a que mais soffreu com o bombardeamento



Uma porta damnificada por uma granada na rua de S. Philype Nery

ALVES ROÇADAS



Coronel Alves Roçadas

Prestigiosa figura do exercito portuguez. distinguu-se em campanhas de Africa, e foi governador, muito criterioso, de Angola. N'uma visita a Braga foi aqui alvo de carinhosas manifestações que está na lembrança de todos. Acaba o seu nome de ser posto em foco com a publicação de um relatório sobre a campanha do Cuamato e sua occupação, que revela a incompetencia dos governos democraticos ao tempo do desastre de Naulila. E' um militar de renome e disciplinador, que pode ainda realizar em nossa Patria uma fecunda obra de reconstrucção n'este difficil periodo da vida nacional.

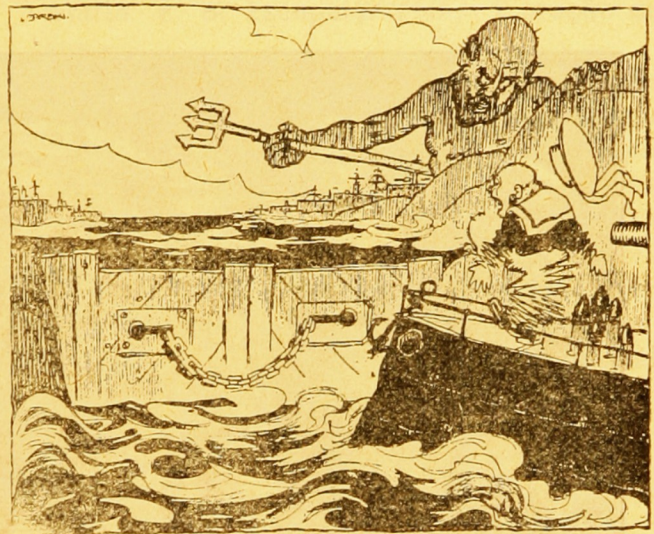
PAGINAS DA GUERRA EUROPEIA



Padre João Baptista Sardier

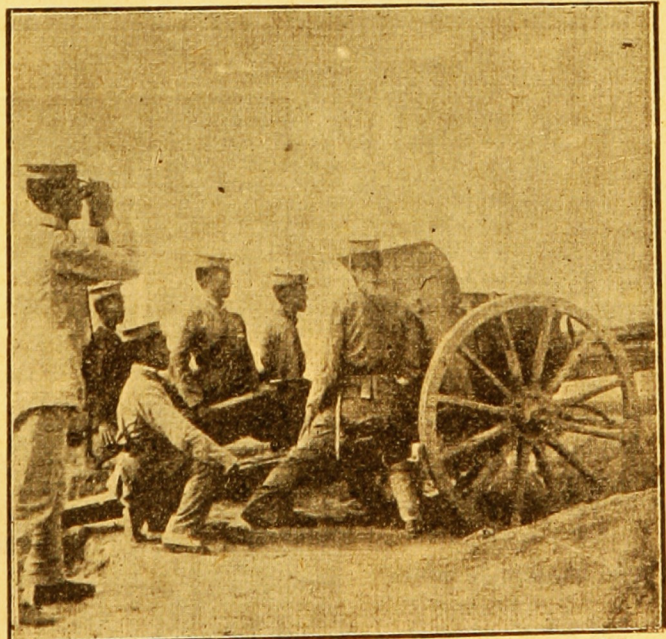
Publica hoje a «Illustração» a photographia d'um antigo missionario da diocese de Angola, hoje servindo no exercito francez, onde foi chamado pelas leis do seu paiz. Estava em Angola desde 1903, trabalhando nas missões da Lunda (Malanje, Jinga e Bangalas) e foi attingido pela mobilisação franceza em fins de 1916.

Que regresse breve ás suas queridas missões, ás quaes o prende a mais saudosa recordação, como vemos d'uma commovente carta escripta de Gironde. E' o padre João Baptista Sardier.



Neptuno mostra á marinha allemã o perigo a que está sujeita se sair do canal de Kiel, onde está engarrafado.

(Caricatura polaca).



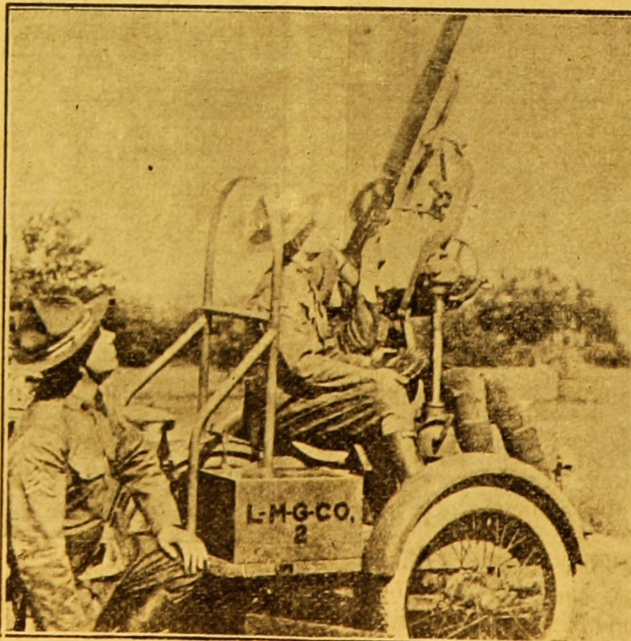
A artilharia chineza nas ultimas manobras perto de Pekin.



PORTUGUEZES
NA GUERRA

1—Soldados portugueses habituando-se ao uso mascarar contra os gases asffixiantes.

2—Os officiaes dando instrucção aos telegraphistas.



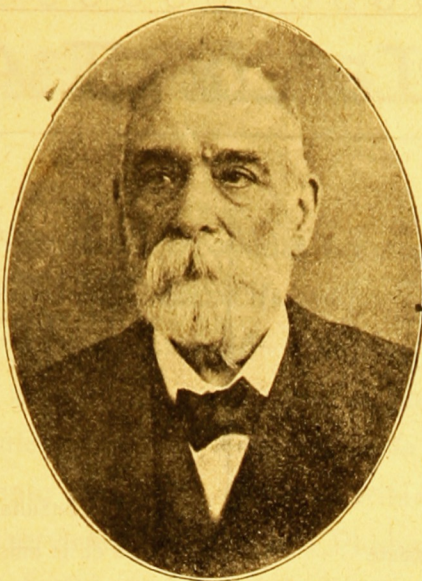
AMERICANOS
NA FRENTE

3—Uma metralhadora fazendo fogo sobre um aeroplano allemão que tenta bombardear o acampamento americano.



Em Leça de Palmeira, Porto, na 1.^a sexta-feira de Outubro, antes da aurora, abriu se o eterno dia da bem-aventurança *in osculo Domini* para a grande alma christã de José Joaquim Guimarães Pestana da Silva. O seu nascimento fôra na casa de seus maiores, no Porto, á rua do Bom Jardim, aos 24 de março de 1848.

O seu nome, conhecido em todo o paiz, tornára-se um simbolo, em virtude do seu inconfundivel caracter, e significava o catholico integral, intransigente, inquebrantavel e invencivel. Nunca nem ainda no verdor dos annos, desmentiu com obras ou dissimulou com palavras nem a sua fé e fervorosa piedade, nem o seu credo de politica tradicional. Em toda a parte falava sempre, e com pasmosa facundia, dos seus ideais, principalmente de Jesus Christo, e dos seus direitos como Rei da Humanidade. O reinado social do Coração de Jesus entrefigurava-se-lhe em aspectos de mui subjectiva acção, mas era um anelo constante do seu espirito crente e magnanimo; no qual ainda os sonhos eram suscitados pela chamma intrinseca do seu generoso amor a Deus, á patria e á christandade.



José Joaquim G. Pestana da Silva.

Com a invocação do Divino Coração, edificou, uma capella no Porto, junto ao seu palacete da rua Gonçalo Christovão, satisfazendo os piedosos desejos, tão identicos aos seus, da sua dignissima consorte, a ex.^{ma} senhora D. Maria Eugenia Leão G. Pestana. Essa maravilha de granito em purissimo estylo gothico (de que elle proprio foi architecto, como engenheiro que era laureado pela Academia Polytecnica), recebeu na manhã de 4 de de outubro o seu corpo, tranquillamente composto no somno da paz, amortalhado em habito de carmellita, tendo ao peito a medalha de Filho de

Maria e o escapulario do Coração de Jesus.»

Dahi, terminados os officios solemnes de corpo presente, foi conduzido religiosamente para o cemiterio de Agramonte, com um acompanhamento grandioso. E n'este, entre muitissimos amigos e dependentes, se notavam figuras, umas populares e outras de qualidade, que conhecidamente n'aquella hora faziam acto de reparação publica a esse grande perseguido, que mais d'uma vez teve o seu palacete apedrejado, e até a sua capella, por turbas assalariadas.



Centro do Catechismo de Bica de Pedra (Estado de S. Paulo)

- 1—Augusto Goyano, 2—Padre Manuel da Costa Gomes.
3—Dr. João de Castro Pupo Nogueira. 4—José Faria. 5—Roberto Bonetti. 6—Lyvio Bernardinelli.



O Vigario e as professoras da catechese



As creanças, vigario e professoras do Centro de Catechismo na igreja de Bica de Pedra.

MARIA

Ha duas horas. desde que partiste,
Que eu ando aqui a passear, na sala.
E mal podes suppor o o aspecto triste
Com que tudo, Maria, em ti me falla!

Tudo falla de ti!—Essa janella
Onde, honté'á noite, ainda te encostaste
Sinto-a dizer-me que focaste n'ella
E eu beijo o pobre vidro em que focaste.

E é tudo assim:—O teu perfume em tudo!
N'este papel vi eu pousar teus dedos!
Nem o silencio, em minha volta, é mudo:
Conta-me a tua graça e os meus segredos!

Os meus segredos! . . Não te irei dizer
O sonho, as illusões em que me enlevo:
Se não resisto á ancia d'escrever,
E' porque sei que é só p'ra mim que escrevo . . .

Ha um motivo, sim, porque não quero
Que saibas d'este amor que eu calarei
E porque sinto, agora, desespero
De ter amado quantas eu amei.

E' que eu temo, Maria, que confundas
Isto que é culto, adoração, respeito
Co'essas paixões ruins que fão profundas
Maguas cavaram dentro de meu peito.

Mas não, Maria! Das outras, como brazas,
Escaldavam-me o sangue os olhos seus;
E os teus olhos, meu bem, são duas azas
Que, eternamente. vôam para Deus!

Os teus olhos, p'ra mim, são um Sacrario!
Adoro Deus na calma desse olhar!
Co'as outras (vê Maria!) era o contrario:
Fugi sempre de Deus para as amar!

Vaę consultar a tua Nossa Senhora.
Se eu te amo ou não pergunta com fervor . . .
Deixa dizer que isto é ingenuo . . .—Embora!
O que é ingenuo é digno d'este amor!

Sancta affeição espirictual e sã
Em que hoje, emfim, meu coração repousa:
E' como se tu fosses minha irmã,
Podendo vir a ser minha esposa.

E eu juncto, sem temor de desrespeito,
A tua doce imagem que me encanta
A outras duas que andam no meu peito,
A minha sancta Mãe e a Virgem Sancta.

Não rezo á minha Mãe que não lhe diga
(Que magua que não possas conhecel-a!)
Que és tu, oh minha espr'ança, a rapariga
Que encontro digna de ser filha d'ella.

E eu creio que, se a Virgem de Bethlem
Tivesse dado á luz uma mulher,
A não ser filha d'Ella a minha Mãe,
Só tu, Maria, o poderias ser!

Assim de todo o meu amor compuz
A mais ideal e sancta trilogia,
Baixam sobre ella os olhos de Jesus,
Cruzam nos meus . . . se os ergo a ti, Maria!

Antonio Antunes Bello.

Uma pagina d'Arte

Rodin.

Nas confidencias, admiravelmente recolhidas por Gsell, ha uma pagina simples e deliciosa sob o titulo «*A belleza da mulher*.» Na verdade poucos artistas souberam glorificar a «obra prima da criação» como Augusto Rodin, que successivamente a compara a uma flôr, a uma liana, a uma palmeira, a um arco de flecha, à uma âmphora *que contem nos seus flancos a vida do futuro*.

E completando o pensamento com uma visão espiritualista, depois de ter resuscitado as grêgas immortaes que serviram de modelo a Phidias, as mulheres do norte, as *Nymphas* de Gonjon, a *Venus* de Wattean no *Julgamento de Pâris*, a *Diana* de Hondon e a actriz japoneza *Hamako* termina com estas magnificas palavras:

“O que adoramos no corpo humano, ainda mais do que a sua fôrma tão bella, é a *chamma interior*, que parece *illuminá-lo por transparencia*.” Esta preciosa afirmação não é de extranhar em quem louvou e defendeu, com tanto amor como energia, as cathedraes, quando um governo sectariò as desprezava...

*
* *
*

A obra de Rodin é vastissima e complexa. Todos conhecem os *Burguezes de Calais* e o *S. João Baptista*.

Todos admiram o retrato do *Rochefort*. São disputados os seus estudos em gêsso, os seus torsos de mulher, as suas cabeças de expressão, os seus desenhos, os mais ligeiros e simples apontamentos. Porque o septuagenario de barbas apostolicas, inquilino do «hotel» Biron, passava o dia inteiro a trabalhar, e, além do esculptor de genio, gravava e desenhava com rarissimo talento.

Mas de todas as suas obras primorosas, algumas das quaes revolucionaram a arte pelo seu pensamento audacioso, não ha nenhuma que possa ultrapassar esse farrapo de marmore, que se chama *Dôr*.

E' sempre uma figura de mulher a materialisar o soffrimento. É essa cabeça dolorosa exprime tamanha angustia, significa tanto martyrio, deixa transparecer tão grande magua, que naturalmente o marmore transfigura-se e a pedra deixa de ser um blóco inerte, para ser o symbolo de toda a dôr humana...

Um fogo ardente devora-lhe as pupilas. A febre empasta-lhe o cabelo na fronte. Tem as narinas sifflantes. O pescoço é magro e contrahido. A bocca distende-se-lhe na ancia de gritar...

*
* *
*

Quem comprehendeu melhor do que Rodin, o defensor das cathedraes profanadas, o significado *moral* de *Dôr*?

Manuel Semblano.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Milão foi sucessivamente dominada pelos alemães, francezes e hespanhoes. Por mercê dos imperadores alemães a familia Visconti foi agraciada com o territorio de Milão, com o titulo de Ducado, sendo Bernabó o primeiro duque. Bernabó dugostou o papa Urbano V, que lhe mandou o cardeal Belfort e abade de Tarfa a intima-lo a explicações sob pena de excomunhão. O duque recebeu os enviados do papa com toda a distincção e affecto mas recusou-se aceder ao que lhe propunham. Então elles pozeram-lhe nas mãos a bula que o excomungava, Bernabó recebeu-a a sorrir e acompanhou os visitantes, na despedida, com numeroso cortejo de fidalgos. Ao atravessarem uma ponte já perto das portas da cidade, o duque mandou que todos se detivessem e disse aos embaixadores do papa: — Quereis comer ou beber?

Espanto de todos. O duque continuou:

—Estou diterminado a que façais uma destas coisas antes de sairmos desta ponte. Vamos, sem demora, escolhei.

Os embaixadores vendo que não havia resistencia a opor, responderam:

—Senhor, um logar como este onde ha tanta agua preferimos o comer.

E o duque tirando a bula da algibeira:

—Muito bem nesse caso haveis que comer a bula que me entregastes.

E é que a comeram apezar de ser de pergaminho e ainda a bolsa de seda em que estava guardada. Concluida a merenda continuaram os prelados o seu caminho para Roma.

Senado romano

O senado romano que tão illustre foi quando da republica, desceu às mais viz abjeções no tempo dos imperadores. O imperador domiciano mandava-lhe propôr as mais ridiculas questões relativas á sua cozinha. Este imperador recebendo um dia de presente um enorme rodovalho mandou convocar o senado para decidir em que vaso se devia comer este peixe, Depois de longos

debates decidio-se que se mandasse construir de proposito um grande vaso de barro para o peixe, e se determinou, para evitar de futuro eguaes embaraços, que na comitiva do imperador em viagem fossem sempre alguns oleiros. O mais ridiculo da scena foi quando um senador, que era cego, julgando que o rodovalho fora trazido para o senado, disse voltado para onde supoz que estivesse;

Bello e grandio rodovalho, és bem digno do nosso magnanimo imperador!

Cabeça de neve

Aos cincoenta e seis annos a rainha Isabel de Inglaterra tinha o cabello todo branco e por isso alguns nobres lhe chamavam a cabeça de neve. Estando presentes alguns d'esses disse a um a rainha no jardim do palacio:

—Não admirais, milord, a minha cabeça de neve? Pois sabei que, quando ella se derreter haverá em Inglaterra um grande diluvio.

A invencivel armada

Quando Christovam de Moura entrou no quarto de Philipe II para lhe communicar que a *invencivel armada*, que havia mandado contra a Inglaterra, se afundára o rei estava escrevendo.

Mandou entrar o postilhão que trazia a nova fatal, ouviu-o serenamente, e disse:

—Mandei a armada a combater os inglazes e não os ventos,

E continuou a escrever.

Ganho honradamente

Quando o valente almirante inglez, sir George Rooke, estava redigindo o seu testamento, alguns amigos notaram-lhe o pouco que elle legava. Respondeu:

—E' verdade que deixo pouco. Mas o que testei foi honradamente adquirido, não custou ao marinheiro uma só lagrima e á nação um só real.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e marítimos, grèves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto-105 1. BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binocolos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Ilustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulsivo 300 rs. (moeda braz leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho» e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA